

QUEM É SATÃ NO LIVRO DE JÓ

Juarez Pedro do Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo intenta lançar luz sobre o personagem bíblico *satã* que encontra-se no livro de Jó, assim, objetiva-se mostrar esta personalidade dentro deste contexto, desfazendo equívocos sobre quem ele seja. Portanto, será trabalhado a expressão *o satã*, o contexto histórico da composição do livro de Jó e a interpretação do texto bíblico, desta forma buscará revelar quem é e quais funções desempenha um dos ícones do Antigo Testamento. Para atingir tal desígnio foi utilizado o método bibliográfico de pesquisa, dentre os quais foram utilizados comentários bíblicos. Outro método empregado foi o método exegético textual para análise do termo hebraico *hassatan* (הַשָּׂטָן) e suas variantes.

Palavras-chave: o *satã*. Livro de Jó. Antigo Testamento. Exegese.

ABSTRACT

The present article intent to cast light about the biblical personage *satan* that meet in Job's book, this way, the purpose is show the personality inside this context, unmaking mistakes about who is he. Therefore, it will be debate the expression the *satã*, the historical context of Job's book composition and the interpretation of biblical text, this way, it will search to discover who is and what is the function accomplish one of Old Testament icon. To reach that intention it was utilize biblicals comments. Other method utilized it was the exegetical textual method to analyse the hebraic term *hassatan* (הַשָּׂטָן) and his variants.

Key words: the *satan*. Bookof Job. Old Testament. Exegesis.

¹ Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – (Bolsista CAPES). Psicanalista em Formação pela Sociedade Psicanalítica do Paraná. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP).



INTRODUÇÃO

Um dos personagens icônicos da bíblia é *o satã* que encontra-se no livro de Jó, portanto, mexe com o imaginário dos leitores da Sagrada Escritura. E este texto abordará esta personagem com o intuito de esclarecer quem é esta personalidade emblemática, bem como tentar desfazer confusões feitas acerca desta figura bíblica.

Para tal, se falará um pouco sobre a influência internacional que o texto de Jó sofreu quando em sua composição. Haverá uma breve abordagem sobre o Panteão e como se dá a correlação entre a hierarquia terrena e a divina na formação da sociedade da época.

Em conciso relato será dito o porquê não se deve tratar o *satã* de Jó como sendo a figura do demônio – personagem bem difundido na era cristã – anjo caído que é contra Deus e suas obras. Em seguida será comentado sobre a função deste personagem dentro do panteão, bem como a distinção deles dos “Filhos de Deus” em Jó e em outros textos bíblicos. Será contemplada a expressão hebraica *hassatan* (הַשָּׂטָן) com o intuito de revelar o seu sentido original fazendo distinção de um nome próprio.

No que tange o Império Persa, este era dividido em regiões administradas pelos sátrapas, portanto, há probabilidade de o personagem *satã* seja uma crítica a este Império. E dentro do texto bíblico, nota-se que *satã* não apenas acusa os seres humanos, mas também se opõe a eles. E, por fim, haverá apresentação de textos bíblicos que mostram outras aplicações para esta expressão hebraica.

Fundo Oriental

É sabido que o Antigo Testamento não surgiu num vazio cultural. As descobertas arqueológicas dos séculos XIX e XX mostram a extensão e a qualidade da dívida que Israel contraiu



com seus vizinhos do Oriente Clássico. Além disso, a literatura sapiencial veterotestamentária em geral, e em particular o Livro de Jó, manifestam uma atmosfera internacional bem marcada e não contém nenhum tema especificamente hebraico (TERRIEN, 1994).

O personagem bíblico Jó não é israelita. Diferentemente de como o povo hebreu chama Deus, em Jó há raras alusões acerca do divino como sendo *Yahweh*. Não existem menções da aliança entre Israel e Deus. E o sofrimento inocente da figura dramática acaba sendo um desafio à ideia de retribuição da justiça divina, especialmente nos períodos do exílio e pós-exílio – 586 a.C. (ROSSI, 2011).

A obra de Samuel Terrien (1994) traz relatos de outros povos, que não o povo de Israel, que provavelmente influenciaram o autor do livro de Jó na composição do texto bíblico. Portanto, tomando por base Terrien, têm-se tais narrativas.

a) Sabedoria Edomita: como a ação e as principais personagens do livro são situadas em Edom (cf. 1:1, 2:11), é possível que Israel tenha recebido a história de Jó dos edomitas – povo semi nômade que vivia no sul e no sudeste do mar Morto, e gozava de reputação de sabedoria. Pode ser que igualmente a escolha do nome do livro “Eloá” (deus ou deusa), comumente empregado no poema e quase não usado no restante do Antigo Testamento, indica também, da parte do poeta, uma familiaridade estreita com a Temã de Edom (TERRIEN, 1994)

b) Folclore Internacional: o tema do homem justo posto à prova por deuses ou seres celestiais rivais uns dos outros é comum nos contos populares do mundo oriental e ocidental. A lenda de Hariscandra, por exemplo, apareceu na Índia em forma diferente, com base em tradições muito antigas. Segundo uma variante dessa história, os deuses e as deusas estavam reunidos com os sete Menus no céu de Indra. A questão na ordem do dia era saber se podia encontrar entre os humanos um príncipe sem defeito. A maioria dos membros da divina assembleia declarou que era impossível; Vasishtha, ao contrário, insistiu que certo



Atschandira (Hariscandra) tinha todas as perfeições. Shiva Rudra (“o Destruidor”) se oferece para demonstrar o contrário, com a condição que o príncipe seja entregue a ele. Vasishta aceita o desafio, e se combinam o termo da aposta, o perdedor prometia ceder ao adversário todos os méritos adquiridos por uma longa série de penitência. Então Shiva Rudra submete Atschandira a toda sorte de provas, priva-o de suas riquezas, de seu reino, de sua mulher e de seu filho único, mas o príncipe persiste em sua virtude. Os deuses o recompensam com munificências (generosidade) e o recolocam em seu estado original. Shiva Rudra dá seus méritos a Vasihta, que o passa a herói triunfador.

Encontra-se entre *suaheis* outra forma de aposta entre os seres celestes, desta vez entre os arcanjos Miguel e Gabriel. A história bíblica de Jó, com sua aposta entre *Yahweh* e o “Satã”, respira ainda uma atmosfera politeísta e, sem dúvida, foi inspirada, ao menos em parte, pelo tema folclórico (TERRIEN, 1994).

c) Pessimismo Egípcio: os paralelos descobertos entre os poemas de Jó e os escritos egípcios são mais significativos do que os mostrados entre a história de Jó e o folclore internacional. No que tange à literatura, é muito comum no Egito enquadrar um diálogo poético por uma narrativa em prosa, porém inusitado para o costume hebreu. Por exemplo, os nove discursos em forma semipoética que forma *as lamentações do camponês eloquente* são precedidas de um prólogo, e seguidas de um epílogo em prosa. Outro exemplo se dá em *A profecia de Nefer-Rohu*, contém início e fim em estilo narrativo. Possivelmente o poeta de Jó estava ao corrente da vida egípcia; talvez até tivesse um conhecimento da língua.

A comparação mais decisiva em forma e conteúdo pode-se fazer entre Jó e *O diálogo entre o homem cansado da existência e sua alma*. O início dessa peça se perdeu, mas analisando o restante dela, é possível deduzir que o herói egípcio, assim como o bíblico, caiu doente e conseqüentemente foi maltratado por sua comunidade. Seus amigos e até membros de sua família, pensando, sem dúvida,



que a doença era sinal de maldição divina, afastaram-se dele, e seus vizinhos o despojaram de seus bens.

A atmosfera que permeia a cena oferece uma mistura sutil de humor e *pathos*, típica das tradições folclóricas. Pensava-se que *satã* foi uma adição posterior, mas a cena é indispensável à compreensão da provação de Jó (TERRIEN, 1994).

Panteão

Diferente dos primeiros cinco versos onde a cena se desenrola no plano terreno, o cenário agora muda para o céu onde *Yahweh* tem dia de audiência (HEINEM, 1982, p. 11). Num plano transcendente e invisível, reúne-se a corte celeste onde, como nas cortes orientais, Deus delibera sobre o caminho dos mortais (STORNILO, 1992, p. 13). Essa reunião celeste é presidida pelo deus superior (deus-rei) e ao seu redor estão os deuses inferiores e subordinados ao deus soberano (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011).

Na imaginação antiga os deuses eram tratados de acordo com os regentes dos modelos humanos. O deus principal governava as outras divindades menores como um rei governa seu povo. Estes serviam como seu conselho consultivo ou gabinete. O conselho dos deuses reunia-se para discutir tópicos importantes, receber relatórios, tomar decisões e indicar membros do conselho para a execução de ações ou publicar decretos relativos a essas ações (CERESKO, 2004). Há uma série de textos do Antigo Testamento nos quais ressoa a concepção de uma corte ou trono celeste (1 Rs 22:19-23; Jr 23:18,22; Is 6:1-8) (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011).

Como se fosse um monarca oriental dando audiência, o Senhor está rodeado pelos “Filhos de Deus”, que, na mitologia antiga, eram seres divinos menores, mas na bíblia foram rebaixados à posição de servos e assistentes do Altíssimo (cf. 1Rs 22:19-23) (BERGAT; KARRIS, 2008), eram tidos como mensageiros ou “anjos” (CERESKO, 2004), porém imaginá-los



como anjos, no sentido da teologia cristã mais tardia é um anacronismo (BERGAT; KARRIS, 2008).

Os “Filhos de Deus” vão apresentar-se a *Yahweh*, e sob a ótica da história das religiões, tem-se aqui uma típica cena de religiões politeísta. Esta assembleia ocorre periodicamente, onde delibera-se decisões que posteriormente serão aplicadas (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011).

Assim como o deus cananeu *El*, *Yahweh* também encontra-se circundado de “Filhos de Deus”. Tal ideia encontra-se em outras partes do Antigo Testamento, como, por exemplo, em Gn 6:2, Sl 82:6 onde são chamados “Filhos do Altíssimo” e em Jó 5:1, de “santos” (HEINEM, 1982).

Os filhos de Deus são entendidos como seres divinos que participam da natureza da divindade, mas são distintos de *Yahweh*, em torno do qual formam uma corte celeste análoga às cortes reais do Oriente Antigo e diante do qual se apresentam em datas fixas (TERRIEN, 1994). O narrador Israelita toma o cuidado de não situá-los no mesmo nível de *Yahweh*, então nunca os chama de “Filhos de *Yahweh*”, mas sempre de “Filhos de Deus” (HEINEM, 1982).

Os profetas veterotestamentários costumam apresentar-se como mensageiros do conselho divino de *Yahweh*, indicados para pôr em vigência os decretos e decisões que dali advêm, como, por exemplo, Zc 4:10s (CERESKO, 2004).

Quem Satã não é

A cena celeste em que *satã* aparece apresenta um quadro comum na literatura da época, o “Conselho Divino” ou “Assembleia dos Deuses”: “Certo dia os anjos se apresentam a *Yahweh* e, entre eles, foi também (o) Satã” (Jó 1:6, 2:1) (CERESKO, 2004).

Não deve-se confundir o *satã* de Jó 1:6, 2:6 com a concepção de demônio, anjo caído que odeia Deus e suas obras. Ainda que alguns pontos tendam a confundir o leitor, necessita-se cuidar



para não fazer tal desordem, e assim contemplar rigorosamente a função deste personagem (SCHÖKEL; OJEDA, 1971).

Essa figura dramática ainda não é um anti-Deus, como veio a sê-lo em baixa época judaica (TERRIEN, 1994), e nem o “Satanás” da liturgia cristã mais tardia (BERGAT; KARRIS, 2008). Só muito mais tarde *o acusador se tornou nome próprio, satã* (שָׂטָן) no século IV (1 Cr 21:1) e o mal personificado (HEINEM, 1982).

A ideia de satã ser um ser demoníaco superior, rebelde a Deus, pertence ao judaísmo tardio, da época intertestamentária. O satã do prólogo de Jó ainda marca o início dessa evolução. E nesse ponto a função desse personagem limita-se a de inspeção da vida dos seres mortais e a de semear dúvida sobre a integridade do herói da bíblia (TERNAY, 2001).

Quem é Satã e qual sua função

O satã do prólogo de Jó é membro do conselho divino. Ele ocupa um cargo semelhante ao de um promotor público de dos dias atuais ou chefe de um órgão de inteligência do governo como CIA ou KGB, por exemplo. Sua tarefa consiste em espionar as pessoas, fazer relatórios de suas más ações ou desobediências cometidas (CERESKO, 2004); é também investigador ou até mesmo provocador. Sua aparição não é por acaso e sem pretexto, pelo contrário, surge para descobrir fracassos (BRUCE 2009).

Henry Ansgar Kelly (2008) descreve as funções dos Satãs Oficiais:

Patrulhar a Terra, observar o comportamento humano, testar as virtudes ostensivas por diferentes meios. Estar preparado, após consultar como o Comando Superior, a instigar medidas preventivas ou punitivas contra ações pecaminosas. Agir como acusadores no tribunal e declarar veredictos contra os culpados (KELLY, 2008, p. 37)



Por se apresentar junto com essa classe divina diante do Altíssimo, a personagem Satã era um dos “filhos de Deus”, que significa literalmente “seres Celestiais”, porém com função peculiar entre esses filhos (Jó 1:6). Já a Bíblia de Jerusalém (2008) diz sobre Satã em nota de roda pé exegetico-teológica: “É personagem equívoca, *distinta dos filhos de Deus*, cética em relação ao homem, desejosa de encontrar nele alguma culpa, capaz de desencadear sobre ele toda espécie de desgraças e até de arrastá-lo ao mal” (LEOPOLDO, 2010, p. 118).

Entre os “Filhos de Deus” se apresenta Satã, que igualmente ao texto do profeta Zacarias 3:1s, é precedido de um artigo, nesse sentido não é um nome próprio, mas sim um adjetivo (TERNAY, 2001), tampouco, faz referência a um demônio, mas a uma personagem encarregada da função de fiscal e acusador adversário (STORNILO, 1992), como já dito anteriormente. Por ser uma palavra hebraica acompanhada de um artigo, *hassatan* (הַשָּׂטָן) não deveria ser traduzido por *Satã*; o que pode revelar uma “contaminação” judaico-cristã por parte do tradutor (TERRIEN, 1994).

Pode-se estimar que o livro de Jó tenha sua composição entre os anos 450 e 350 a.C., portanto, durante o governo Persa (ROSSI, 2011). Para facilitar a administração, o Império foi dividido em regiões chamadas satrapias, onde os sátrapas eram os gestores. Este modelo de administração deu início com o rei Quiaxares, porém, foi aperfeiçoado por Dário (TUNNERMANN, 2001). Aos sátrapas cabia a função de fazer valer as ordens reais, bem como relatar como estavam as satrapias – embora os gerentes destas regiões também fossem fiscalizados por comandantes militares. Desta forma, *o satã*, pode ser um personagem crítico do Império Persa; como dito anteriormente, a organização divina seguia o modelo humano de governo, onde o deus principal rege sobre os subordinados, assim como os reis estão para restante do povo (ROSSI, 2011).

Os leitores do Livro de Jó estão cientes da integridade do herói bíblico; agora com a aparição deste personagem, *o satã*, fica



explícito que Deus também está sabendo, e de fato, sente orgulho de Jó (1:8). O adversário é cético e, na frente de toda corte celeste, sugere que Jó só é virtuoso porque tem vantagem com isso. Se perdesse todas as bênçãos, o que Jó diria? É evidente que amaldiçoaria Deus. No contexto de uma cultura de vergonha, agora a honra do Senhor está envolvida e tem participação no resultado. O adversário recebe permissão para testar Jó e se apressa em fazê-lo (BERGAT; KARRIS, 2008).

É como se satã arvorasse desde já, à sua maneira, como o melhor colocado para contestar o forte dogma da retribuição. Escutemos bem as perguntas de satã: “É a troca de nada, é gratuitamente que Jó teme a Deus e se afasta do mal?”. Toda a ironia de satã concentra-se nesta pergunta (TERNAY, 2001). Por este prisma, *satã*, não assume somente o papel de acusador dos seres humanos, mas compete também fazer o papel de oposição na reunião do corpo celeste. Sua tarefa é protestar contra o agir de Deus, quando este não lhe parece justo (HEINEM, 1982).

O sentido “satã” em outros textos bíblicos

A expressão *satã*, sem estar impregnado de sentido religioso, diz respeito também às relações inter-humanas, no que tange um comportamento hostil, de rivalidade, de oposição. A seguir alguns textos que referenciam estas relações: Gn 27:41 [*rancor*]; Gn 50:15 [*rancor*]; Sl 180:4 [*em troca da minha amizade*] (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011). No sentido de exercer função provocativa, pode-se citar Gn 3:1, onde a serpente induz Eva ao erro. Expressando funções investigativas têm-se Zc 4:10.

Considerações Finais

Um dos equívocos cometidos por parte dos cristãos hodiernos é ter *o satã* como a figura de um anjo caído que é inimigo de Deus e de suas obras, inclusive o ser humano. Porém a iluminação feita acerca da influência de literaturas de outros



povos sobre a composição do livro hebraico de Jó colabora na desconstrução desta ideia anacrônica. Outro fator que coopera na desfeita deste imaginário está na própria expressão hebraica, *hassatan* (הַשָּׂטָן). É um substantivo acompanhado de um artigo e não um nome próprio, e em outros textos, esta mesma palavra tem revela outras aplicações.

Dentro do panteão, *o satã* trata-se de um membro do conselho divino com funções específicas de observação de conduta, emissão de relatórios e, com permissão da divindade superior, pode até atuar com medidas preventivas e punitivas contra ações pecaminosas dos seres humanos. Portanto, não se trata apenas de um acusador, mas também de um opositor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAT, Dianne; KARRIS, Robert J. **Comentário bíblico II:** profetas posteriores, escritos e livros deuterocanônicos. São Paulo: Loyola, 2008.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI:** Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2009.

CERESKO, Anthony R. **A sabedoria do Antigo Testamento:** espiritualidade libertadora. São Paulo: Paulus, 2004.

HEINEM, Karl. **O Deus disponível:** o livro de Jó. São Paulo: Paulinas, 1982.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã:** uma biografia. São Paulo: Globo, 2008.

LEOPOLDO, Raphael Novarei. *Satã no livro de Jó: a ambiguidade da maldade de uma personagem.* in: **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 4, n. 1, p. 114-126, jan./mar. 2010.

RENDTORFF, Rolf. **Antigo Testamento:** uma introdução. Santo André: Academia Cristã, 2009.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's:** teologia e sociedade de consumo. 2. ed. Curitiba: Champagnat Editora PUCPR, 2011.



SCHÖKEL, Luis Alonso; OJEDA, José Luz. **Job**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Um caminho através do sofrimento: o livro de Jó**. São Paulo: Paulinas, 2011.

STORNIOLO, Ivo. **Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião**. São Paulo: Paulinas, 1992.

TERNAY, Henri de. **O livro de Jó: da provação á conversão, um longo processo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TUNNERMANN, R. **As reformas de Neemias: a reconstrução de Jerusalém e a reorganização de Judá no período persa**. São Paulo: Paulus, 2001.

TERRIEN, Samuel. **Jó**. São Paulo: Paulus, 1994.

VIENTIUNO, Siglo. **Nuevo Testamento Biblico**. Editorial Mundo Hispano, 2003.

WIERSBE, Warren W. **Antigo Testamento: vol. III, poéticos**. Santo André: Geográfica Editora, 2006.

